

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação « Cultura » Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTOREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 050467
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 050256 — MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

Desejamos o bem comum e as felicidades gerais...

HÁ 55 anos — na querida tribuna da Imprensa — que vimos defendendo, do coração e com vivo entusiasmo, tudo que possa contribuir para aproximar e não dividir os homens, as classes e a sociedade, lembrando e tantas tem sido, as iniciativas em prol do bem

Por

SOEIRO DA COSTA

geral, lembrando a necessidade de haver menos usura, menos egoísmo, menos vaidade, menos ambições e tudo mais que podemos considerar de nefasto e prejudicial ao bom equilíbrio económico, moral e são, e amigo entendimento entre os homens.

E, infelizmente, a quebrar a lógica harmonia, a contribuir para a paz e uma melhor distribuição dos bens comuns, a servir as verdadeiras e morais Doutrinas Cristãs, os homens, com que tanto teriam a lucrar, evitando tantos males, horríveis, já sofridos, e piores, os que estão para ver, sem que se faça o *mea culpa*; não procurando desistir dos maus intentos que hão-de afundar

a humanidade num mar de lama e miséria moral.

As desigualdades lagrantíssimas existentes no Mundo social —, verdadeira irrisão de apregoados desejos de uma melhoria económica e satisfação de justos direitos e regalias humanas, descuradas e desumanamente feridas e maltratadas em legítimos anseios, asfixiando uns, nos seus ilegítimos interesses — aqueles que têm por si a razão e a justiça.

Um inquérito que se fizesse por pessoa de bem, sã, moral e espírito de justiça, poder-se-ia conhecer os lamentáveis factos existentes, e que propositadamente, procuram obstar serem conhecidos, evitando, que continuem a manter-se, com desdouro e desluzo dos homens que nos seus propósitos honestos, leais e honrados, resolveriam, no sentido de se lhes dar justa e moral solução.

E' um perfeito cáos em que o mundo vive, por culpa dos que na insofrida ânsia de enriquecerem não vêem o triste e doloroso quadro e espectáculo dos que lutam, até o fim sucumbindo, para vencerem as desmedidas, injustas e desumanas exigências que lhes são feitas.

LEGENDAS DE PORTUGAL (10)

O Mosteiro da Batalha

O Real Mosteiro da Batalha foi mandado construir por D. João I, em comemoração da vitória dos portugueses sobre os castelhanos, na batalha de Aljubarrota.

Por isso, e conforme promessa do Rei, foi dedicado a Nossa Senhora, sobre a invocação de Nossa Senhora da Vitória.

Se há em Portugal, monumento que fale ao nosso coração e à nossa alma, esse é o *Convento da Batalha* — como lhe chama o bom povo da região.

É que naquelas pedras maravilhosas, erguidas para os séculos como testemunho inegalável da Fé, dos anseios e da grandeza dum Povo, está presente tudo o que define a alma de Portugal!

Oração de pedra, memória de gloriosos feitos, expressão alta da sensibilidade portuguesa, relicário onde esperam pelo dia de Juízo algumas das mais nobres figuras da nossa História — nada falta ao mosteiro da Batalha para que o coração português o considere como o mais *seu* dos monumentos...

Na penumbra mística daquelas naves, envoltos no silêncio grave, que paira sob a abóbada da Capela do Fundador, El-Rei D. João I e a Rainha D. Filipa de Lencastre esperam, lado a lado, nos seus túmulos austeros, o toque da trombeta que os chamará, no fim dos tempos...

À volta, em túmulos rendilhados nas paredes da Capela, os seus filhos — «Inclita geração, altos infantes» lhes chamou Camões — dormem também o sono dos que serviram Deus e a Pátria.

Cá lora, sob o doirado céu azul, recortam-se altas torres, agulhas e ogivas, que enchem o vale da luz do Espírito e trazem às almas as presenças dos heróis que, em 14 de Agosto de 1385, inspirados pelo génio de Nuno Álvares, tornaram Portugal terra definitivamente livre, senhora de destinos sem par...

(Transcrito com devida vénia, de «A Campanha»)

A próxima época

Está a chegar a próxima época de Inverno e com ela a actividade artística que conforta e faz reviver a Capital.

Todos os anos o nosso espírito anseia por coisas novas e, quase sempre aceita coisas velhas, que são sempre novas pelo imenso desconhecimento que ainda oferecem à nossa curiosidade.

É o Teatro, a Música, as Artes Plásticas, tudo que vem de encontro a nós para nos oferecer extraordinário prazer espiritual.

O Secretariado Nacional de Informação, pelo «Fundo

do Teatro», subsidiou quatro Empresas que nos prometem uma época teatral rica de novidades, de esforço, no sentido de concorrer de qualquer modo para atenuar a crise do Teatro Português.

Não esperamos, é evidente, uma reforma, nem a cura do mal pela raiz, mas aguardamos uma melhoria sensível que possa abrir novos horizontes. E' preciso trabalhar artisticamente com carinho e estudar o problema comercial do teatro, resolvendo-o dentro do possível.

O S. N. I. auxilia, porém o esforço tem de partir daqueles que procuram debelar o mal, ou atenuá-lo, pelo menos.

O Teatro de S. Carlos oferecer-nos-á, certamente, uma época brilhante, como é costume, trazendo ao seu palco as maiores celebrações mundiais, quer no campo musical restrito, quer na Ópera, quer no Ballet.

E' digna do maior louvor a orientação inteligente da Direcção do Teatro de S. Carlos que tem mostrado não trabalhar às cegas, mas sim com o conhecimento perfeito do assunto, o que merece a gratidão de quantos amam as artes.

Ainda na época passada, entre muito que do melhor foi oferecido ao público lisboeta figurou a estranha, confusa e perturbadora figura de Maria Callas, misto de muito valor e de propaganda escandalosa.

Nada há, entre o melhor que se apresenta em todo o Mundo, que o público de Lisboa não conheça, não tenha tido ocasião de apreciar.

(Continua na página 5)

Chávenas de café

quase amargo...

Pelo Dr. Cruz Malpique
Bebedeira e felicidade

Já alguém procurou justificar a bebedeira, dizendo que, no povo, é o seu ópio. Quem não tem o essencial, precisa de esquecer, no álcool, a sua situação miserável.

A embriaguez é, nos desditosos da fortuna, um substituto da felicidade que o mundo lhe não deu.

Esses tais, não podendo tirar a felicidade do fundo do espírito ou das funduras dum cofre, tiram-na do fundo duma garrafa.

Cada sociedade tem os bebedos que merece. Os mendigos — muitos mendigos — não têm pão, mas cheiram escandalosamente a vinho.

PEGÕES

Agrícola e Comercial

Um sugestivo aspecto desta região: *Pegões-Gare*, que em conjunto com Pegões-Entroncamento, têm as suas principais actividades ligadas à Colónia Agrícola de Pegões, agora em pleno desenvolvimento, o que se reflecte no seu progressivo movimento comercial.



NOTÍCIAS

DIVERSAS

DE PORTUGAL

O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Dr. José de Azeredo Perdigão, que esteve em Bruxelas a convite da associação belga «Les amis du Portugal», foi informado por aquela associação de que a mesma se propõe facultar a dez artistas plásticos portugueses a oportunidade de visitarem, em viagem cultural, a notável exposição de arte moderna agora patente naquela capital, para o que custeará todas as despesas.

— No anfiteatro Turgot da Sorbona, em Paris, reuniu-se o 19.º Congresso Internacional de História de Arte, no qual o sr. prof. Luis Reis Santos, da Universidade de Coimbra e director do Museu Machado de Castro, fez uma comunicação sobre «O escultor francês do século XVI, Jacques Loquin». No seu interessante trabalho, o prof. Reis Santos forneceu elementos para a identificação da obra e definição da personalidade artística do notável escultor que trabalhou em Córdova e em Coimbra, onde faleceu.

— Dirigentes da Federação dos Sindicatos dos Motoristas apresentaram alguns dos mais importantes problemas que afectam a classe que representam.

— Foi aberto concurso público para a construção do mercado municipal de Nisa.

— A Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães doou à Casa do Povo daquele concelho, distrito de Bragança, um terreno com a área de 700 metros quadrados destinado à futura construção da sede do referido organismo.

— Em 3 aviões, chegaram no dia 3 do corrente a Lisboa, vindos de Boston, 239 componentes de todas as patentes militares, veteranos das duas últimas guerras mundiais, da Companhia de Artilheiros de Massachusetts, a mais antiga organização militar da América. Dirigiram-se a Roma, em viagem turística.

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Bulhão Pato, 14 - 1.º

Telef. 030256 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias, excepto às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.

Telef. 030 256 — MONTIJO

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto

Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras

R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo

Todos os dias

Rua Morais Soares, 116-1.º

LISBOA Telef. 48649

Dr. Santos Marcelo

Doenças nervosas e mentais

Consultas e tratamentos — primeiros e terceiros sábados de cada mês, pelas 12 horas, no consultório do Ex.º Sr. Dr. Ferreira da Trindade — Rua Bulhão Pato, 42 - 1.º — Telef. 030 131 - MONTIJO.

Dr. Elísio Morgado

Médico-Especialista

Doenças dos olhos

Consultas às 5.ªs feiras, pelas 14 horas

Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º

MONTIJO

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

Av. Luís de Camões - MONTIJO

Telef.º 030 502 - 030 465 - 030 012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de

Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques — N.º 231

Telef. 030 556

MONTIJO

Armando Lagos

Parteira-Enfermeira

PARTO SEM DOR

Ex-estagiária das Maternidades de

Paris e de Strasbourg.

De dia - R. Almirante Reis, 72

Telef. 030 038

De noite - R. Machado Santos, 28

MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030 046

Serviços Médico Sociais, 030 198

Bombeiros, 030 048

Taxis, 030 025 e 030 479

Ponte dos Vapores, 030 425

Polícia, 030 144

Telefone 030 376

Para Boas Fotografias procure a

FOTO MONTIJEENSE

Av. João de Deus, 71

(à Praça 1.º de Maio)

MONTIJO

MONTIJO

Criando bons técnicos e profissionais

É evidente o empenho do Governo posto em acção pelo Ministério da Educação Nacional no sentido de desenvolver o ensino técnico. Pode dizer-se que tem sido com verdadeiro desvelo e afan que o plano de generalização desta importante modalidade de ensino secundário, eminentemente utilitário, tem sido estruturada e realizada.

As afirmações doutrinárias e o meticoloso estudo de todos os pormenores do ensino técnico no quadro das realidades nacionais revelam que há a grande preocupação por parte do Governo de valorizar a juventude portuguesa para os grandes trabalhos da industrialização.

Assim, se por um lado o País progride materialmente, culturalmente procura obter-se o espírito que facilite e torne viável uma produtividade e um êxito que sem técnicos competentes estariam comprometidos.

O Ministro da Educação Nacional, não obstante ter alcançado já neste aspecto progressos acentuados, vai ainda mais longe pela reforma dos estudos introdutórios aos ensinos secundários, criando assim perspectivas de ensino até agora inexistentes.

Dentro do plano de criação de novas escolas técnicas profissionais, no prosseguimento de anteriores iniciativas, mais quatro escolas, a instalar em Moura, S. João da Madeira, Vila Franca de Xira e Vila Real de Santo António foram autorizadas, correspondendo assim às aspirações das localidades contempladas.

Ora isto significa como se acentua no preâmbulo do decreto agora publicado, «que

o Governo reafirma o propósito de, adensando cada vez mais a rede de escolas secundárias do País, pôr ao alcance de todos os jovens portugueses dotados de suficiente capacidade, independentemente da situação económica das famílias, instituições educativas adequadas à sua cabal valorização profissional, social e humana.

Para sede das novas escolas foram designadas alguns centros de valiosas actividades económicas cujo desenvolvimento importa estimular pelo insuprível apoio de conveniente acção cultural. Além deste motivo de preferência tomaram-se ainda em conta não somente os índices demográficos das regiões servidas como a segurança de obter desde já instalações, ainda que de emergência susceptíveis de serem aproveitadas a partir do próximo ano lectivo.

Porque essas instalações, no seu estado actual, não asseguram o funcionamento de todas as actividades compreendidas na generalidade dos cursos profissionais completos, as escolas ficam, por agora, dotadas somente com o ciclo preparatório, deferindo-se para momento mais oportuno a determinação dos cursos especializados que nelas não de vir a ser professados, em necessária correspondência com os tipos de trabalho profissional predominantes nas respectivas áreas de influência».

É pois mais um esforço de valorização da grei, o que o Ministro Sr. Prof. Eng.º Leite Pinto determinou em prol de uma renovação nacional e que abrange todos os sectores e todos os lugares de Portugal e agora simbolizada nessas quatro progressivas vilas.

Festas Populares de S. Pedro de Montijo

Relatório e contas de 1958

Já há semanas que temos sobre a nossa mesa de trabalho o relatório e contas das últimas festas da nossa vila, graças à gentileza da sua Comissão organizadora.

A abrir esse relatório e como seu preâmbulo, diz-se que «As Festas Populares de S. Pedro do corrente ano atraíram ao Montijo o maior número de forasteiros de sempre, o que prova a sua projecção aumentada de ano para ano, acompanhando assim a tão valiosa fase de progresso que se tem registado na nossa terra, a qual

se fica devendo à dedicada acção e bairrismo da nossa Câmara Municipal».

Apreciámo-lo cuidadosamente e tivemos a satisfação de verificar a clareza dos mapas justificativos das suas contas, onde perpassa um arreigado espírito bairrista, sob vários aspectos.

Ali se evoca o maior brilhantismo das Festas Populares de Montijo, a par do progresso e renovação que tem valorizado a nossa vila nos últimos anos; o espírito de colaboração do seu povo; a inauguração do seu jardim

Comemorações do V Centenário da Rainha

D. Leonor

(Conclusão do núm. anterior)

O sr. dr. Melo e Castro declarou que em Novembro se deslocará a Goa uma delegação das Misericórdias da Metrópole, que fará a entrega da nova bandeira oferecida àquela parcela da Pátria Portuguesa.

No mesmo mês irá ao Brasil uma delegação das Misericórdias portuguesas, que fará oferta à Misericórdia de Santos de uma boa cópia do retrato da rainha D. Leonor, do «Panorama de Jerusalém» da Madre de Deus. É o momento de dizer que a Misericórdia de Santos detem o mais antigo hospital de todo o Continente Americano, fundado pelo português Brás Cubas, e que o compromisso da instituição foi aprovado por D. João III em 1543. A Misericórdia de Santos propõe-se oferecer às Misericórdias portuguesas uma cópia de um antigo retrato de Brás Cubas.

Ainda em fins de Novembro será inaugurado em Beja, terra natal da Rainha D. Leonor, uma estátua de bronze da autoria do escultor Álvaro de Brée e em meados de Dezembro far-se-á no Porto, na velha Casa do Despacho, da Misericórdia, à Rua das Flores, a repetição de grande parte da Exposição da Madre de Deus. Haverá depois o encerramento das comemorações.

A Fundação Calouste Gulbenkian, decidindo colaborar, activamente, nas referidas comemorações, organizou um plano de realizações, nas quais se incluem as importantíssimas obras de restauro da Igreja da Madre de Deus, em que despenderá 1.290 contos e ainda uma grande exposição, a abrir naquele famoso templo, em que, com o auxílio de entidades oficiais competentes e de artistas de estirpe, se evocará a personalidade exemplar e a obra da excelsa Soberana, certame que reunirá — segundo a comunicação do sr. dr. Azeredo Perdigão — preciosos elementos geneológicos, iconográficos e documentais que, fundamentalmente, importam ao estudo e ao esclarecimento definitivo do perfil mental e moral de tão notável figura de Portuguesa.

A inolvidável fundadora das Misericórdias, em Portugal, vai, pois, em breve, receber a justíssima consagração de toda uma Pátria, perenemente grata à sua Memória e à Mensagem cristianíssima que nos ditou e, em boa hora, sabemos interpretar e executar.

se refira ao engrandecimento de Montijo.

São palavras de reconhecimento também às virtudes do nosso povo, quando impulsionado a elevar o nome da sua terra e sentindo-se acarinhado pelas entidades superiores, tal como tem sucedido desde há anos.

Entrando-se na apreciação de números, verifica-se que as últimas festas tiveram uma receita total realizada de Esc. 365.695\$50, sendo assim distribuídos em números redondos: Donativos, 87,5 contos; Terrados da feira, 44,2; Exploração de Cinema, 59,7; Receitas auxiliares, 38,2; Receitas diversas, 20,9; Subsídio Municipal, 84,5; Romaria de N.ª S.ª da Atalaia, 28,7 e Subsídio da Praça de Toiros, 1,8.

No que se refere a despesas, constatámos as seguintes verbas, igualmente em números redondos: — Ornamentações, 100 contos; Marcha Luminosa, 61,6; Fogos diversos, 50,5; Concertos Musicais, 23,8; Expendente, 5,1; Serviços Religiosos, 4,3; Ranchos Folclóricos e Zés Pereiras, 20,9; Despesas de Organização, 23; Propaganda, 42,9; Romaria da Atalaia 3,5; Subsídio à Comissão das Tronqueiras, 10; tendo sido a despesa total, de Esc. 345.939\$20.

Resultou assim um saldo líquido para as festas de 1959, de Esc. 19.756\$30. Além do saldo acima citado, a Comissão das Festas Populares tem ainda a receber da Comissão Pró-Praça de Toiros, a importância de Esc. 8.210\$90, perfazendo dessa forma um SALDO TOTAL de Esc. 27.967\$20, a favor das Festas do próximo ano, o que de facto confirma que, em relação aos dos anos transactos, é verdadeiramente um saldo record!...

A nossa Câmara Municipal apreciou devidamente as contas apresentadas pela Comissão das Festas Populares de Montijo na sua reunião de 16 do corrente e tomou as seguintes deliberações: — 1.º — Congratular-se pelo notável êxito alcançado, que mais uma vez prestigiou o Montijo; 2.º — Aprovar um voto de louvor à Comissão pelo seu dedicado labor e acertada orientação que imprime às festividades, melhorando-as em cada ano.

Assim a Comissão viu que justiça lhe era feita pelo sr. presidente e vereadores do nosso Município, confirmada pelas palavras de confiança proferidas pelo seu digno presidente na reunião efectuada nos Paços do Concelho, tal como já nos referimos em local de «A Província», da semana finda.

«A Província» associa-se com sincero júbilo aos votos dos bons montijenses para que as Festas Populares de S. Pedro prossigam no mesmo ritmo ascensional, sob a égide da sua activa Comissão presidida pelo dedicado montijense, que é a figura bem estimada de todo o público, o nosso amigo sr. Humberto de Sousa que há nove anos lhe dá o seu desvelado concurso de realizador.

infantil; as corridas de toiros e respectivas entradas; serviços de transportes irrepreensíveis; acção da imprensa de Montijo, Setúbal e Lisboa, bem como da Rádio, Televisão e Cinema.

A encerrar esse relatório vêm os justos e merecidos agradecimentos aos srs. dr. Miguel Rodrigues Bastos, ilustre Governador Civil do Distrito; José da Silva Leite, presidente e António João Serra Júnior, vice-presidente do nosso Município, pelas maiores provas de carinho, amizade e colaboração dispensadas para a valorização destas Festas e tudo quanto

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

AGOSTO

— Nos dias 2 e 5, fizeram anos, respectivamente, a menina Maria Antónia Martins Aleixo e menino Manuel José Aleixo Afonso, de Foros de Pontal (Pegões), sobrinhos do nosso solicito correspondente sr. José Bernardino, de Baixa da Banheira.

OUTUBRO

— No dia 1, o sr. Manuel da Costa Rodrigues, nosso estimado assinante e proprietário do Café-Restaurante «Estrela do Cabeço»; no dia 2, por 24 anos a sr.ª D. Ivone Borges Moreno Botelho, esposa do nosso prezado assinante sr. Agripino José Gonçalves Botelho, em igual data, completou 49 anos, o nosso dedicado assinante, sr. Francisco Perez Passos, considerado comerciante, todos da Baixa da Banheira.

— No mesmo dia, fez 41 anos a sr.ª D. Vitória Bicho Neves, esposa do nosso prezado assinante, sr. Joaquim das Neves, da Moita do Ribatejo.

— No dia 9, fez anos o sr. Ilídio de Brito Matos Costa, filho do nosso estimado assinante, sr. José de Brito Costa, de Pegões-Gare.

— No dia 14, a menina Lidia Maria Flores Amado, estremosa filha do nosso dedicado assinante, sr. João Frederico Amado, residente na Baixa da Banheira.

— No dia 27, o sr. Dr. Cristiano Leite da Cruz, nosso prezado assinante e amigo.

— No dia 27, a sr.ª D. Maria Gertrudes Gouveia de Jesus Calado Laranjeira, esposa do nosso estimado assinante, sr. Jaime Dias Laranjeira.

— No dia 28, a gentil menina Maria Júlia Canelas Pereira, irmã do nosso prezado assinante, sr. Germano Canelas Pereira da Silva.

— No dia 29, a sr.ª D. Júlia Tavares de Almeida, esposa do nosso estimado assinante, sr. José Tavares de Almeida, residente em Lisboa.

— No dia 29, completa sete anos o menino Artur José da Silva Bastos, netinho do nosso prezado assinante sr. Artur Mendes Bastos Júnior.

— No dia 29, a gentil menina Maria Clara Pascoal Pereira Teles, estremosa afilhada do nosso dedicado assinante sr. José Augusto dos Santos.

— No dia 31, a sr.ª D. Olímpia da Cruz Ferra, esposa do nosso estimado assinante, sr. José Narciso Ferra.

— No dia 31, o menino Diogo Rodrigues Mendonça Tavares, filho do nosso dedicado assinante, sr. António Rodrigues Tavares Júnior.

As nossas felicitações, para todos os aniversariantes e suas famílias.

Casamento elegante

Efectuou-se há dias na Real Capela do Palácio Nacional de Queluz, o enlace nupcial da ex.ª sr.ª Dona Maria de Fátima Dias da Silva Botinas, gentil filha do ex.ª sr. Dr. João da Silva Botinas, digno advogado nas comarcas de Lisboa e Setúbal, e da sr.ª Dona Ernestina Niny Dias da Silva Botinas, com o Professor de ensino secundário, sr. João Maria Gonçalves, filho do sr. Francisco Pedro Gonçalves e da ex.ª sr.ª Dona Ana Matilde Gonçalves.

Foram padrinhos da noiva, seus pais, e do noivo, o ilustre e distinto escritor, sr. Comandante Jaime do Inso e sua ex.ª esposa, sr.ª Dona Amália Correia do Inso.

No Bairro Azul, da capital, residência dos pais da noiva, foi servido um finíssimo «copo d'água», a todos os convivas.

Dirigindo as nossas felicitações aos pais dos noivos, desejamos a estes as melhores venturas no seu novo lar.

Guarda-Livros

— ENCARREGA-SE de escritas comerciais e industriais em regime livre.

Rua Serpa Pinto, 32 - 1.º MONTIJO.

MONTIJO

RECITAL DE PIANO

de Jorge Rosado Peixinho

Montijo não está acostumado a manifestações de arte como aquela a que tivemos o prazer de assistir, no passado sábado, 18 do corrente, no Cinema Teatro Joaquim de Almeida, desta vila.

E daí o facto da casa não apresentar uma assistência como seria de esperar, não só pela qualidade do espectáculo como ainda por se tratar de recital dum artista mon-

tijense, laureado do Conservatório Nacional que acaba de ser distinguido com uma bolsa de estudo, no estrangeiro, como justo prémio do seu valor.

No entanto, ao desinteresse dos seus conterrâneos, correspondeu Jorge Manuel Rosado Peixinho, com um retumbante êxito artístico.

Não vamos, porque para isso nos faltam qualidades, fazer a crítica musical do concerto; mas podemos sim fazer a análise do que ouvimos com aquela sensibilidade, que é muito portuguesa, de apreciadores de boa e bem executada música.

E este neste caso as execuções de Jorge Manuel, não só interpretando magistralmente, Carlos Seixas, Bach, Mac-Dowell, Ravel, como ainda a sua própria inspiração: Sonatina em Lá, Allegretto e Outono.

Mas, que nos seja relevada talvez a nossa ignorância musical, o nosso maior encanto, e talvez o da maior parte da assistência, foram as composições de Chopin, Debussy e Liszt, com excepcional relevo para «Murmúrios da Floresta», divinamente interpretado que arrancou, sem favor, a maior ovação.

E talvez por isso, talvez por ter «visto» em seu redor o entusiasmo dos seus admiradores e amigos o concertista nos deu em seguida uma maravilhosa «Rapsódia Húngara n.º 6», e como prémio para a assistência, e extra-programa nos brindou com a sempre bela «Dança Ritual do Fogo».

Os aplausos foram vibrantes e quentes para o jovem artista da nossa terra e que ao partir para Itália levará consigo não só o alentamento artístico da nossa Pátria como o da terra que lhe foi berço.

No final do Recital acorreram ao palco muitos dos espectadores que quiseram levar ao nosso artista o abraço amigo de felicitações e a certeza de que a partir daquele momento ele conquistou, em cada ouvinte, mais um admirador.

Por especial deferência para com Jorge Manuel assistiu ao recital o sub-Director do conservatório, o ilustre Professor sr. Lúcio Mendes, a quem foi tributada uma simpática ovação.

«A Província» que felicita não só o jovem artista pelo seu êxito, como seus pais e mais família, agradece a gentileza do convite que lhe foi endereçado.

Justiniano Gouveia

Encontra-se definitivamente marcado para a próxima 2.ª-feira, 27 do corrente, pelas 20 horas, no no Café-Bar do Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida, o jantar de confraternização, simultaneamente de homenagem, que os componentes das revistas teatrais de Montijo, dedicam ao seu velho ensaiador e amigo, sr. Justiniano Gouveia.

Dada a exiguidade do tempo como ainda à dificuldade de localizar todos os componentes, agradece a Comissão que, àqueles ainda não procurados dêem a sua adesão até ao próximo Sábado, dia 25.

Atendendo ainda à simpatia que o homenageado disfruta em todos os seus conterrâneos, resolveu a Comissão aceitar inscrições de pessoas estranhas à organização, para o que poderão efectuar a sua inscrição junto de qualquer dos elementos da Comissão ou no Café-Bar do Cinema, até ao já citado Sábado, 25, deste mês.

Trespasa-se

—ESTABELECIAMENTO de Drogaria em bom local com boa clientela.

Nesta redacção se informa.

Câmara Municipal de Montijo

Resumo da acta de reunião ordinária do dia 14 de Outubro actual.

Presentes os srs. José da Silva Leite, Presidente; e os vereadores, srs. Francisco Tobias da Silva Augusto, Tomás Manhoso Iça, Joaquim Brito Sancho, Carlos Gouveia Dimas, Francisco Braz da Cruz e Mário Miguel de Sousa Rama. Secretário; o sr. José Maria Mendes Costa, Chefe da Secretaria.

A Câmara tomou conhecimento do ofício da Direcção de Urbanização de Setúbal, que informa ter sido concedida a comparticipação de 173 contos, para as expropriações de prédios demolidos junto do Mercado.

Deliberações tomadas:

Conceder licenças gratuitas a diversos funcionários;

Conceder licenças de obras diversas;

Alterar o horário do Cemitério;

Determinar o cumprimento das formalidades legais para a aprovação do 2.º orçamento suplementar;

Autorizar a exposição de crisanthemos na Praça da República e a respectiva venda ao público;

Aprovar um pedido de empréstimo até a quantia de 4.000 contos, destinados a custear as despesas de aquisição de terreno destinado ao futuro edifício da Escola Industrial e Comercial; aquisição do terreno para o bairro de casas económicas; e aquisição de vários terrenos destinados à urbanização da vila.

Ordenar a adaptação de uma parte do rez do chão dos Paços do Conselho para instalação, em condições de segurança, da Tesouraria Municipal.

S. E. 1.º de Dezembro

Está convocada para a próxima sexta-feira, 24 do corrente, pelas 21,30 horas, em primeira reunião, no salão de festas desta colectividade, a realização da sua assembleia geral extraordinária, para eleição de corpos gerentes no exercício de 1958/59, em virtude de não terem tomado posse os associados eleitos na Assembleia Ordinária, de 24 do mês findo.

Se não houver número legal de sócios à hora marcada, a assembleia funcionará meia hora depois com qualquer número.

Banda Democrática 2 de Janeiro

Realiza-se no salão de festas desta colectividade no próximo domingo, dia 26, pelas 21,30, uma interessante «soirée», em que tomará parte o apreciado Conjunto Musical «Os Unidos do Jazz», a qual promete decorrer com o entusiasmo habitual e interesse da sua massa associativa e respectivas famílias.

Ensina-se

— Corte, costura e plissados. Vai a casa. Informa nesta redacção.

JAZIGO

VENDE-SE

Trata: José Galvão Moura

R. José Joaq. Marques, 81

MONTIJO

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª feira, 23 — Moderna
6.ª feira, 24 — Higiene
Sábado, 25 — Diogo
Domingo, 26 — Giraldes
2.ª feira, 27 — Montepio
3.ª feira, 28 — Moderna
4.ª feira, 29 — Higiene

Boletim Religioso

Vida Católica

HORARIO DAS MISSAS

5.ª feira, 23 — às 8, 8,30, e 9 h.
6.ª feira, 24 — às 8,30, 9 e 9,30 h.
Sábado, 25 — às 8, 9 e 9,30 h.
Domingo, 26 — na Igreja da Misericórdia, às 8 h.; na Igreja Paroquial, às 10, 11,30 (missa solene cantada) e às 18 h.; na Capela do Afonsoeiro, às 9 h.; e na Atalaia, às 9 h.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Evangélica Presbiteriana do Salvador — Rua Santos Oliveira, 4 - Montijo.

Domingos — Escola dominical, às 10 horas, para crianças, jovens e adultos. Culto divino, às 11 e 21,30 h.

Quartas-feiras — Culto abreviado, com ensaio de cânticos religiosos, às 21,30.

Sextas-feiras — Reunião de Oração, 21,30 h.

No segundo domingo de cada mês, celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucarística Sagrada Comunhão

Espectáculos

CINEMA TEATRO

JOAQUIM DE ALMEIDA

5.ª feira, 23; (17 anos) Ingrid Bergman num filme de vigoroso dramatismo, «O Medo».

Sábado, 25; (17 anos) As façanhas dum legião de heróis que tentam impedir que a maré cheia do inimigo inunde o Mundo, «A Porta da China».

Domingo, 26; (17 anos) Uma comédia cheia de graça e ternura, «A Flor do Pântano», com Debbie Reynolds.

2.ª feira, 27; Matinée infantil para maiores de 6 anos, com o interessante filme, «Dedicação».

3.ª feira, 28; (17 anos) O filme policial com Sterling Hayden e Glória Grahame, «Alibi».

4.ª feira, 29; (12 anos) Para cumprimento do contingente, mais 2 filmes portugueses, «O Cerro dos Enforcados» e «Cantiga da Rua».

Sociedade Recreativa

Progresso Afonsoeirense

Uma nova «soirée» vai esta agremiação recreativa proporcionar aos seus sócios e famílias no próximo domingo, 26, pelas 21 horas, com a realização da «Dança das Garrafas», a qual será abrilhantada per um dos melhores conjuntos musicais da nossa região.

Assim é de prever uma animada diversão, para a qual é de esperar larga concorrência.

oooooooooooooooooooooooooooo

Leia, Assine e Divulgue:

«A PROVINCIA»

oooooooooooooooooooooooooooo

Vende-se

— COURELA situada no Corte do Leite.

Trata Av. D. Nuno A. Pereira, 24

Conforme relatámos em nosso jornal n.º 183, de 25 do mês findo, efectuou-se no domingo, dia 21 de Setembro, nesta simpática colectividade columbófila de Baixa da Banheira, um acontecimento de relevo na sua vida associativa.

A constante falta de espaço, tem-nos impedido de fazer o devido relato, falta essa de que somos a pedir desculpa aos nossos leitores e amigos dirigentes e associados dessa agremiação.

Hoje, porém, vimos relatar o que nos foi dado apreciar, quanto ao movimento associativo do Grupo Columbófilo Banheirense, agora no seu 9.º ano de existência, que conta com 40 sócios efectivos e 60 sócios auxiliares; o qual tendo feito uma brilhante campanha em 1958, efectuou uma valiosa e interessante distribuição de prémios aos seus sócios efectivos.

A mesa que procedeu à distribuição dos galardões aos concorrentes estava assim formada: — Joaquim Brito da Silva, pelo Conselho Técnico do Grupo; José Miguel Martinho, pelo jornal «A Província»; Laurentino Mar-

Grupo Columbófilo Banheirense

e a sua distribuição de prémios da Campanha de 1958

ques da Silva, igualmente pelo Conselho Técnico; João António dos Santos, columbófilo da Amadora; e o nosso redactor, Eduardo dos Santos Baeta, que proferiu algumas palavras alusivas ao acto festivo e de exortação aos sócios efectivos do Grupo Columbófilo Banheirense, para que prossigam com entusiasmo na prática da modalidade columbófila na Baixa da Banheira.

Esta distribuição abrangia 235 prémios, no valor total de 5.600\$00, entre as quais se distinguem 48 taças (sendo 6 para campeões); 17 medalhas de prata (2 para campeões); 9 medalhas de cobre (2 para campeões); 2 anilhas de ouro, 2 anilhas de prata e 7 galhardetes desportivos; objectos de utilidade doméstica e outros em dinheiro, no montante de Esc. 1.029\$00.

Os alados deste Grupo tiveram três treinos, no per-

curso de 175 quilómetros e 18 provas de concurso, com o total de 6.499 quilómetros de voo.

A classificação final, prémios e n.º de pontos obtidos pelos dez primeiros concorrentes, foram os seguintes:

1.º — *Adão Cantante* — Taça Campeão — 1.242 pontos;

2.º — *Alberto Cassiano* — Taça Bemvinda — 887 pontos;

3.º — *Laurentino M. da Silva* — Taça G. C. Banheirense — 840 pontos;

4.º — *António dos Anjos Amado* — Taça Asas do Ar — 780 pontos;

5.º — *João Luís Santinho* — Taça Vento Norte — 595 pontos;

6.º — *Francisco Rafael Pratas* — Taça Mau Tempo — 576 pontos;

7.º — *Diogo Ferrer Calado* — Medalha de prata — 556 pontos;

8.º — *Joaquim Brito da*

Silva — Medalha de prata — 333 pontos;

9.º — *António Dionísio* — Medalha de cobre — 296 pontos;

10.º — *José António Lúcio* — Medalha de cobre — 285 pontos.

A valorizar esta campanha foram atribuídos 90 diplomas de honra em todos os concursos, até o 5.º classificado.

As provas de concurso ganhas por cada um dos concorrentes, foram as seguintes: — *Adão Cantante*: 4.º cl. de Gaia; 5.º cl. de Madrid; 5.º cl. de Burgos; 1.º cl. de Mangualde; 1.º e 4.º de Monção, obtendo também 3 galhardetes; — *Alberto Cassiano*: 1.º e 2.º de Faro e 1.º de Castelo Branco; *Laurentino M. da Silva*: 4.º de Corunha e 2.º de Tua, 1.º de Pombal e 3.º de Gaia; *António dos Anjos Amado*: 5.º de Valença do Minho; 2.º de Corunha; 2.º de Ma-

drid; 1.º de Vilar Formoso e 5.º de Tua, obtendo igualmente 2 galhardetes; *João Luís Santinho*: 1.º da Covilhã; *Francisco Rafael Pratas*: 1.º de Tavira; 2.º de Castelo Branco; e 2.º de Covilhã, com um galhardete; *Diogo Ferrer Calado*: 1.º de Beja; 8.º de Madrid; e 1.º de Tua, com um galhardete; *Joaquim Brito da Silva*: 2.º de Tavira e 3.º de Burgos; *António Dionísio*: 2.º de Beja; e *José António Lúcio*: 1.º de Valença do Minho.

Noutras provas classificaram-se ainda: *João Francisco Bicas*: 4.º de Faro, com 190 pontos; *Silvestre P. Victorino*, com 183 pontos; *Valentim Marques*, com 156 pontos; *Francisco Loução*: 1.º de Coimbra, com 150 pontos; *Rogério Jôia*: 1.º de Gaia, com 129 pontos; *Alberto Alves Felício*, com 70 pontos; *Manuel Guerreiro*: 2.º de Vilar Formoso, com 65 pontos; *Manuel Santos Aguas*, com 42 pontos; *Manuel António Santos*, com 36 pontos; e *João Pedro Moisés Monteiro*, com 30 pontos.

E deste modo se rematou numa atmosfera de euforia o oitavo ano de actividade desta útil agremiação na progressiva localidade da Baixa da Banheira.

J. M. M.

Romeyra Alves

inicia hoje a sua colaboração em

«A Província»

Acedendo ao nosso pedido dá-nos hoje a honra da sua valiosa colaboração o culto jornalista, sr. Romeyra Alves, com a sua crónica semanal intitulada «Este Vale de Lágrimas...», que de certo merecerá o devido apreço dos nossos leitores.

Romeyra Alves, já bem conhecido do nosso público como apreciado produtor radiofónico, através do posto «Rádio Graça» e dos programas da Organização «Vozes de Portugal», ainda há poucos meses fez a locução dum memorável programa publicitário no Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida, desta vila.

Como jornalista já afirmou o valor do seu talento, — entre outros trabalhos — pela secção mantida durante meses no semanário «Jornal de Almada», sob o título de «Aquarelas dos meus pinéis», que despertou o maior interesse dos seus leitores.

Ao nosso novo colaborador, a quem saudamos, damos as melhores boas vindas e apresentamos os nossos agradecimentos.

Foto Cine filme

Trabalhos para amadores

Fotografias de Arte

Aparelhos Fotográficos

Reportagem Fotográfica

Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

A IDEAL

DE

Alberto Sousa Branco

Fotografias de Arte - Amadores - Reportagens - Papelaria

Estrada Nacional

BAIXA DA BANHEIRA

António

Pinto J.º

Talhos e Salsicharia

Carnes de vaca, carneiro e porco

Ruas 29 e 35

BAIXA DA BANHEIRA

Loução &

Braz, L.º

Ouivesaria, Relojoaria e Artigos Domésticos

Rádios, Frigoríficos, Máquinas de costura, Fogões a Gascida, Pannelas a pronto e a prestações

Estrada Nacional

BAIXA DA BANHEIRA

MUITOS



MWM DIESEL

JÁ INSTALADOS COMO MOTORES DE PROPULSÃO E EM GRUPOS AUXILIARES EM

Manuel Giraldo da Silva

MONTIJO

BACALHOEIROS

CARGUEIROS, ARRASTÕES

REBOCADORES E BARCOS DE PILOTOS

EMBARCAÇÕES FLUVIAIS DE PASSAGEIROS

TRAIWEIRAS DE

TODOS OS TIPOS

VEGETAS

POTÊNCIAS DE 5 CV ATÉ 250 CV PARA ENTREGA IMEDIATA DESDE OS NOSSOS ARMAZENS

J. WIMMER & CO., LISBOA

TELEFONES 66 01 27/129

AVENIDA 24 DE JULHO, 34

REPRESENTANTES ASSISTÊNCIA TÉCNICA ORÇAMENTOS

“Este vale de lágrimas...”

Crónicas de ROMEYRA ALVES — N.º 1

Eu não sei, nem tenho a veleidade de pensar que sou conhecido pelos leitores deste simpático jornal, em cuja lista de colaboradores tenho muito prazer em ser admitido.

De quaquer das maneiras, lá, talvez, meia dúzia de pessoas, estou certo, que me conhecem, quanto mais não seja dum ou dois espectáculos aqui realizados pelas «Vozes de Portugal» ou através de um ou outro programa radiofónico.

O título destas crónicas, que hoje, com muito gosto, iniciarei, tem, talvez, um tanto de soturno, com veleidades de desilusão e sonhos desfeitos... Foi escolhido a dedo, como se dizer-se, em linguagem corrente, atendendo a que este Mundo - ou este vale de lágrimas - já não nos deixa margem para sonhos de qualquer espécie...

Aqui fica, honestamente, o aviso para quem compra jornal e para quem, em espírito de curiosidade natural, se debruce sobre as linhas mal alinhavadas que vão seguir-se e que, com a ajuda de Deus, se seguirão noutros números.

De qualquer das maneiras, atribuam as culpas ao meu amigo Zacarias, pessoa de sólida formação moral, inconformista ferrenho, que talvez já conheçam de outras crónicas noutro periódico publicadas.

E se não me não levam a mal, aqui lhes faço um pedido: meditem, se para tal tiverem paciência, no que diz o Zacarias e... digam-me, depois, se ele tem, ou não, razão naquilo que afirma...

Zacarias acendeu um cigarro, puxou duas ou três fumaças, ficou por momentos a seguir os desenhos caprichosos que o fumo azulado descrevia na atmosfera parada do café e comentou:

— Pois, meu rapaz, eu tenho que continuar a dizer que este pobre mundo caminha, passo a passo, para a auto-destruição...

Como habitualmente, não respondemos e o Zacarias continuou:

— Especialmente, para a destruição moral... Vive, hoje em dia, sob o ponto de vista material, relegando para plano mais que secundário, o aspecto espiritual e moral dos assuntos que regem a Vida. Tu talvez não atinjas bem onde eu pretendo chegar... Apesar de sermos da mesma idade e de termos andado juntos nos bancos do liceu e sermos colegas no mesmo emprego...

Zacarias fez uma pausa, para levar a chávena de café aos lábios e, logo, continuou:

— Tu dize-me com franqueza se alguma vez, quando eras garoto, como eu, pensaste ver certas coisas que se veem hoje em dia... Ele é a menina estilo Marilyn Monroe, de vestidos decota-

dos, mostrando as espáduas até à cintura, para dar nas vistas e provocar os assobios inconvenientes dos palermas que não têm onde cair mortos, ele são as senhoras de idade propecta, com tendências adiposas, pretendendo roubar a si próprias vinte anos nos que contam neste Mundo, com a ajuda das aldrabices que os fabricantes de cosméticos inventam para encherem as bolsas, ele são os «meninos-bem» que andam muito mal, valendo-se do dinheiro dos pais, para coçarem os casacos pelas esquinas do Chiado... Eu sei lá, meu rapaz!... Tudo isso, no fundo, é a triste síntese da decadência deste vale de lágrimas em que vivemos, às vezes porque não temos onde cair mortos...

Zacarias olhou-nos, interrompendo-se no momento em que acendíamos um cigarro. Depois, esmagando o dele no cinzeiro, continuou:

— Eu não sei se leste nos jornais a morte do actor Bonar Colleano... Era, aliás, um actor pouco conhecido entre nós, que eu vi num ou dois filmes de boa classe, aqui há meia dúzia de anos... Pois ele morreu, creio que num acidente de viação, que pôs fim a uma carreira fulgurante, na constelação artística dos estúdios de Pinnedwood...

Zacarias viu-nos franzir os sobrolhos, talvez porque não compreendessemos que relação poderia existir entre as suas palavras anteriores com a morte dum artista de cinema. Talvez compreendendo os nossos pensamentos, ele continuou:

— Escusas de fazer essa cara, porque eu já te explico tudo... Com a morte de Bonar Colleano, era natural que os seus colegas de estúdio quizessem prestar-lhe a derradeira homenagem, aquela homenagem que se presta sempre a quem morre, mesmo quando, em vivos se lhes faz a vida negra... Creio que ao funeral compareceram os nomes ilustres da constelação cinematográfica inglesa, entre artistas de ambos os sexos, realizadores, produtores, e toda aquela fauna que constitui a chamada sétima arte. Claro que o caso foi falado e aqueles artistas que não puderam comparecer enviaram ramos e coroas de flores, com o respectivo cartãozinho, onde se podiam ler aquelas palavras de homenagem que são da praxe.

Zacarias voltou a interromper-se, acabou de beber o café e, depois de acender outro cigarro, continuou:

— Repara agora no que aconteceu: sabendo do que se passava, isto é, de que ao funeral iriam as estrelas e os astros seus ídolos da tela, os chamados «caçadores de autógrafos» acorreram ao cemitério, na ânsia desmedida de obter, atingindo

fins sem olhar a meios, os autógrafos dos seus artistas preferidos... Escuso de te dizer que, por si só, essa circunstância me parece absolutamente inadmissível na era de civilização (Zacarias acentuou a palavra, irónicamente) que atravessamos... O pior, porém, é que esses selvagens, que outro nome não se lhes pode dar, atiraram-se às coroas e ramos de flores, onde estavam presos os cartões com os nomes dos artistas, como feras à presa já domada...

Zacarias teve um sorriso triste:

— Dizem os jornais que aquilo se transformou num verdadeiro, num horrível e macabro caos, em que aqueles autênticos canibais nem sequer se lembraram de respeitar a dor da família do artista, apenas movidos pela ânsia tresloucada de obter uma coisa que, afinal, não tem valor nenhum... Só te digo que, no fim, coroas e ramos de flores estavam reduzidos a um montão de ruínas, a atestar a selvajaria dum punhado de homens e mulheres — se assim lhes pode chamar — que têm a veleidade de pertencer a uma época de civilização.

Zacarias interrompeu-se. Por momentos, os seus olhos fixaram um ponto difícil de definir. Depois, esmagando o cigarro no cinzeiro, rematou com um sorriso triste, onde havia uma amargura mal contida:

— Isto, meu rapaz, define bem a época que atravessamos e o caos para o qual caminhamos, sem ter culpa nenhuma... Acrescenta-lhe as bombas atómicas e de hidrogénio, os massacres que se verificam por esse Mundo de Cristo... e dize-me, sinceramente, se dá gosto continuarmos a viver neste autêntico e perdido vale de lágrimas!...

Levantou-se e eu imitei-o. E, já a caminho da porta, Zacarias ainda acrescentou:

— Vamos, meu velho... No fundo, não vale a pena estarmos a perder tempo com essas coisas... E, verdade, verdade, tudo quanto temos a fazer é esperar pelo que está para vir... Porque isto, afinal, ainda não fica por aqui!...

A crise de trabalho na indústria corticeira

Já aludimos há semanas neste jornal ao facto consumado do despedimento nesta vila, de centena e meia de operários da indústria corticeira.

Felizmente que os dirigentes das secções do Sindicato Nacional dos Operários Corticeiros do Distrito de Setúbal nesta margem, souberam agir junto das entidades superiores, como sejam a Delegação do I. N. T. P. de Setúbal, presidentes de Municípios e sr. governador civil do Distrito, de modo a levarem junto do sr. Ministro das Corporações o estudo pormenorizado dos problemas que interessavam a alguns milhares de trabalhadores dessa indústria existentes neste distrito.

A data prevista para o novo despedimento era a de 15 do corrente, — quarta-feira finda —, e depois de várias diligências empreendidas para obstar à efectivação desse facto, efectuou-se na terça-feira, 14, no gabinete do sr. Ministro das Corporações, Dr. Veiga de Macedo, uma reunião presidida por aquele ilustre membro do governo, para apreciação desses problemas.

A essa reunião estiveram também presentes os srs. delegado e subdelegado do I. N. T. P. em Setúbal, drs.

Bento Parreira do Amaral e José Severino Cunha, o chefe da 1.ª Repartição da Direcção Geral do Trabalho e outros funcionários superiores daquele Ministério e dirigentes das secções sindicais da Indústria Corticeira, nos concelhos de Seixal, Almada Barreiro e Montijo.

Nessa reunião, o sr. ministro começou por fazer uma breve exposição sobre as diligências feitas pelos serviços competentes do Ministério, para se acautelarem os interesses da classe corticeira e referiu-se à importância da assinatura no ano findo, dos contratos colectivos de trabalho, de que resultou aumento de salários para aquela actividade profissional e deu conhecimento das circunstâncias de ordem económica que vinham obstando a que se completassem aquelas convenções colectivas, na parte não respeitante a salários.

Referiu-se ainda, ao problema da organização dos novos quadros do pessoal e declarou que os operários da indústria corticeira são dos poucos que gozam da garantia de trabalho de três dias por semana em todo o ano, graças a um despacho normativo datado de 1956.

Em seguida, vários diri-

(Continua na página 6)

A próxima época

(Continuação da primeira página)

No campo de Concertos e solistas instrumentais, Lisboa conhece, do mesmo modo, o melhor.

Guardámos para o fim o Ballet que está ganhando extraordinário número de apreciadores na Capital.

O teatro de S. Carlos tem exibido no seu palco as melhores e mais afamadas companhias de Ballet, do Mundo, e não se tem poupado aos maiores esforços e às maiores despesas, suportando certamente grandes prejuízos.

O Estado Novo não se tem poupado a dotar a cidade de

tudo quanto ela precisa, abraçando o campo artístico, sem descuido do educativo.

Parece-nos, porém, que para os espectáculos de Ballet, principalmente, ou o Teatro já não chega ou os espectáculos para não assinantes são poucos. Deve haver uma forma qualquer de remediar o mal, e estamos certos de que o caso há-de resolver-se a contento de todo o público apreciador.

Os lugares mais baratos (aqueles que melhor podem servir o público apreciador, de poucos recursos), são poucos, como é natural e, assim, só com um número maior de espectáculos poderá proporcionar-se a todos tão grande prazer espiritual.

Muito há a esperar também do Coliseu dos Recreios, do Cinema Tivoli e do Teatro Monumental que nunca deixam de oferecer ao público espectáculos de primeira categoria.

E a Fundação Gulbenkian, à qual a cidade já tanto deve no campo artístico, que nos dará?

Cá ficamos esperando, certos de termos uma época rica de quantidade e qualidade, que a todos satisfaça.

FIGUEIRA DA FOZ

— Rainha das Praias de Portugal —

(Continuação da última página)

e Pesca Desportiva, Noites de Gala, etc..

Como sítios dignos de visita, poder-se-ão citar entre outros, o seu Museu, a Serra da Boa Viagem, as Lagoas de Quiaios, a Praia de Buarcos, a Colónia Balnear Infantil «Dr. Oliveira Salazar», as minas do Cabo Mondego, as fábricas de vidro e cimento, os seus seculares de bacalhau, as

suas marinhas de sal, as Matas das Acácias e a «Casa do Paço».

(Organizado segundo a «plaque» da Comissão Municipal de Turismo, da Figueira da Foz).

Visado pela Censura

BASQUETEBOL

Num jogo emocionante, renhidamente disputado o Montijo logrou vencer o forte conjunto do Luso, do Barreiro

Montijo, 52 - Luso, 45

Podemos dizer que o Montijo, encerrou com chave de ouro, as suas actividades no velho Campo do Parque, porque vencer uma equipa com a categoria da do Luso, é um marco que fica bem a assinalar os nove anos, que este campo tem servido de cenário aos jogos realizados em Montijo.

Foi o Luso o primeiro adversário que o Montijo defrontou no Campo do Parque, quando se formou a secção de basquetebol, e agora por pura coincidência, vol-

vidos nove anos é o mesmo Luso que veio findar a utilização deste campo, visto que os próximos jogos possivelmente serão realizados no novo recinto, que está em construção no campo «Luis de Almeida Fidalgo».

Este jogo foi a contar para o Campeonato Regional de Setúbal, tendo como árbitros os srs. João Máximo e Herminio Castro.

As equipas alinharam e marcaram: MONTIJO — Américo, Mocho,

Adriano Lucas, Teodomiro (1), Elisário (4), Ribeiradio (7), Tomás (16) e José Maria (24).

LUSO — Ramos (8), Cabrita (25), Ilídio (4), Tanganho (3), Silva (3), Rodrigues (2) e Santos.

Os montijenses começaram a partida com todas as cautelas necessárias, jogando sem pressas, porque o adversário assim exigia derivado ao seu valor.

Apesar disso o Montijo poderia ter resolvido o assunto no primeiro período de jogo, se não fossem alguns lançamentos de grande infelicidade, em que a bola girava sobre o aro do cesto e saía para fora.

Todavia terminaram a primeira parte vencendo o Luso por 23-16, sete pontos de diferença, os mesmos que se conservaram até o final da partida, pois o resultado do segundo tempo foi igual para ambos os contendores, 29-29.

Teve uma estreia auspiciosa na equipa principal o ex-júnior Manuel Ribeiradio, que com duas arrancadas vigorosas, conseguiu marcar quatro pontos, no momento em que a partida ainda estava indecisa, tendo resultado um grande efeito psicológico nos seus colegas, e que levou a equipa à conquista da vitória.

Ribeiradio se não descurar de treinos, se se aperfeiçoar nos lançamentos para o cesto, será num futuro próximo, uma das pedras basilares da turma montijense.

Até hoje ainda não tínhamos criticado o trabalho dos árbitros, pessoas por quem temos muita consideração, e por que sabemos quão difícil e ingrata é a sua missão, mas somos obrigados a fazê-lo para chamar a atenção quanto ao critério adoptado no julgamento das faltas pessoais, onde o Montijo foi prejudicadíssimo neste jogo com o Luso, pois viu-se privado de quatro elementos que foram injustamente desclassificados por terem atingido as cinco faltas pessoais. (Mocho, Lucas, Américo e Teodomiro).

Dizem as regras que quando qualquer jogador de posse da bola tente passar um adversário sem se desviar dele e fizer contacto com o seu corpo, será punido com uma falta pessoal.

Pois no passado domingo acontecia precisamente o contrário. Os jogadores do Luso, especialmente Cabrita, chocavam com os do Montijo, que se encontravam parados no seu lugar, e ainda por cima lhes marcavam as faltas pessoais.

E isto assim não está certo srs. árbitros!

O melhor será estudarem novamente as regras, para não cometerem mais injustiças como a que vimos cometer no passado domingo.

Reservas: Montijo, 16 - Luso, 25
José Rosa

O futebol Português de luto pela morte de Dr. Tavares da Silva

Mal refeitos ainda do golpe sofrido pelo falecimento do valoroso futebolista e consagrado jornalista desportivo Cândido de Oliveira e após doloroso sofrimento, desapareceu agora dos campos do desporto mais uma outra eminente individualidade, a grande figura de Dr. Tavares da Silva, que várias vezes ocupou o ingrato e difícil lugar de seleccionador nacional de futebol.

O saudoso extinto exercia ultimamente a sua valiosa actividade como redactor principal do nosso confrade «O Norte Desportivo» e no «Diário de Lisboa», assim como comentador desportivo da Emissora Nacional.

A sua obra foi profficua, não só como jogador, árbitro, orientador de equipas e seleccionador, como também de dinâmico jornalista desportivo através de vários jornais e revistas da especialidade.

Assim, pode-se considerar o falecimento de Dr. Tavares da Silva, como uma lamentável perda para o desporto português.

A toda a família do inesquecível homem de Desporto, e em especial a sua dedicada esposa, aqui deixa «A Província» a mais viva expressão do seu profundo e sentido pesar.

Futebol

Campeonato Nacional de 2.ª Divisão

Olhanense, 3 - Montijo, 0

Jogo em Olhão.

Estádio Padinha.

Na impossibilidade de nos deslocar a Olhão para fazer o relato do jogo disputado naquela cidade Algarvia, não podíamos de forma alguma deixar de tomar qualquer iniciativa, para elucidação e satisfação dos nossos leitores, apesar de já terem tomado os devidos conhecimentos desse jogo, através dos jornais da especialidade.

Contudo, compulsando o nosso confrade «A BOLA», no qual lemos a crónica do nosso confrade Orlando Silva, resolvemos emitir a nossa opinião baseada nas suas palavras de crítica, que julgamos ser bem sensatas, pela maneira simples e sincera como estão redigidas.

Para o nosso colega, a equipa Montijense agradou-lhe plenamente, classificando de bem afinado o seu conjunto, que mostrou saber jogar, mas com o defeito de não ser eficaz na zona de remate, o que por muitas vezes no primeiro tempo e em certo período do segundo, o Olhanense se deixou confundir por esse conjunto — (Montijense).

A nossa equipa apresentou sempre em todo o encontro convicção no ataque.

A equipa perdeu, porque o factor casa, teve de facto o seu contributo, o que aliás, já nós esperávamos; mas pela apreciação do nosso citado confrade, o Montijo não foi aquela equipa, que muitos Montijenses descrentes fazem supor, mas ainda aquela que nós todos esperamos, que com o tempo tome o conjunto, que julgamos ser próximo, e pelos menos neste jogo, alguma coisa já disse.

A palavra descrente muitas vezes encerra o sinónimo de maldade, e por muito bom que se seja, é-se sempre atirado para a vau. Tudo isso não é mal que apoquente a equipa, porque para os que se descobrem nesse sen-

tido, já contamos com a sua apreciação de derrotistas em facção de partida, e esses ficam no vocabulário dos não existentes como Montijenses amigos do progresso da sua terra, no capítulo DESPORTO.

Há que contar com o apoio da maioria dos amigos sinceros do Clube, tanto nas boas como nas más horas que o clube atravessa. Entretanto aguardaremos os resultados no prosseguimento do campeonato e continuaremos a verificar as atoardas que se vão levantando à volta da equipa, para irmos fazendo nas nossas crónicas as respectivas apreciações.

Assim seguiremos os princípios que anunciamos no começo da época, em sentido construtivo e com absoluta imparcialidade.

Mas o critério também será seguido, quando seja contrário à nossa opinião porque somos montijenses e só o Montijo tem o direito de se elevar com direitos próprios. Aos seus filhos não lhes cabe o direito de se dividirem em paixões por interesses mesquinhos, em desabono das suas colectividades, as quais bem merecem todo o nosso apoio e carinho, para assim nos orgulharmos em sentido colectivo.

A esse respeito o Montijo tem sido vítima, por parte duma minoria dos seus filhos.

Será isto bairrismo?... Que meditem aqueles a quem pese as culpas na sua consciência e tomem a capricho o seu retrocesso de opinião, pois farão o seu dever e será esse o nosso melhor orgulho.

Elisário Joaquim Carvalho

Vendem-se

— DUAS MORADIAS no Afonsoeiro - Montijo.

Trata Joaquim Rocha, R. Serpa Pinto, 43 telefone 030065.

Grande Concurso de Prognósticos de Futebol

Continuamos hoje a publicar os cupões de prognósticos deste sensacional Concurso, que tanto sucesso está obtendo na época actual

Resultado do Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 5, de 19-10-58 — Cupões entrados = 162

VENCEDOR: *Olívio Gomes, Rua Gaspar Nunes, 13 — Montijo, que acertou em todos os resultados, (15), a quem compete o 1.º prémio de 2.000\$00, a receber por mercadorias a comprar em estabelecimento à sua escolha, desta redacção.*

Deseriminação das classificações por concorrentes: 1 com 15 resultados certos; 27 com 14; 51 com 13; 32 com 12; 20 com 11; 13 com 10; 9 com 9; 6 com 8; 2 com 6 e 1 com 1 — TOTAL 162 cupões.

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Não tendo sido favorável ao Desportivo o jogo realizado com o Olhanense no último domingo, não se fizeram contagens de pontos aos concorrentes pelos seus vitacínios.

CONDIÇÕES:

M. B. — *Pela última vez se informa que os cupões deverão ser preenchidos a tinta com os prognósticos dos resultados dos desafios nele indicados e bem assim o nome e morada do concorrente, por forma legível, sem o que não serão considerados. Igualmente se comunica que só são aceites os cupões que dêem entrada nesta redacção até às 12 horas do dia dos jogos para os concorrentes de Montijo, e aqueles do resto do país, no correio da manhã seguinte.*

Este concurso é muito simples e dispensa mais explicações. Leia as regras que foram publicadas anteriormente e ficará logo habilitado a concorrer.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 7		Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»	
Domingo, 2-11-58			
2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Oliveirense	Chaves	Farense	Arroios
Boavista	Tirsense	Oriental	Sacavenense
Gil Vicente	Peniche	Coruchense	Almada
Vianense	Marinhense	Serpa	Beja
Espinho	Portalegre	Juventude	Montijo
Vila Real	Salgueiros	Portimonen.	Estoril
Leixões	Sanjoanense	Atlético	Olhanense
Campeonato Nacional da 1.ª Divisão			
Caldas		Lusitano	

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 7

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 2

A crise de trabalho na ind. Corticeira

(Continuação da página 5)

gentes sindicais expuseram os seus pontos de vista e repudiaram a actividade de alguns agentes subversivos que inutilmente têm procurado agitar a classe e comprometer a acção sindical.

Depois de várias explicações prestadas pelos funcionários superiores do I. N. T. P., o sr. Dr. Veiga de Macedo, ministro das Corporações, esclareceu que tinha ouvido algumas empresas, as quais, de um modo geral, deram provas de compreensão relativamente ao problema que, mais preocupa a classe corticeira.

O ministro, salientou também a acção desenvolvida pela delegação do I. N. T. P. e a colaboração prestada pelo sr. governador civil de Setúbal, e informou que o Ministério vai, de seguida, tomar providências para a prorrogação dos actuais quadros permanentes, de modo a evitar o despedimento maciço dos operários.

Em seguimento dessa reunião, o sr. ministro das Corporações exarou um despacho concebido nos seguintes termos:

«Considerando conveniente manter em vigor por mais algum tempo os quadros do pessoal permanente da indústria corticeira, cuja

validade finda em 15 do corrente, determino ao abrigo do Decreto-Lei n.º 32.749, de 15 de Abril de 1943, o seguinte:

«1.º — Mantém-se no corrente ano, até 31 de Dezembro próximo, a validade dos quadros do pessoal permanente da indústria corticeira actualmente em vigor. — 2.º — É prorrogado até à data referida no número anterior o prazo para a organização dos novos quadros, nos termos estabelecidos na base XII do despacho de regulamentação do trabalho para a indústria corticeira de 29 de Novembro de 1946, publicado no «Diário do Governo» II Série, de 3 de Dezembro do mesmo ano. — 2.º — Este despacho entra em vigor em 15 de Outubro corrente».

Fica assim solucionada de momento uma situação que poderia resultar num despedimento em grande escala dos trabalhadores deste ramo industrial.

Confiamos em que entretanto sejam revistas as cláusulas contratuais, de modo a manter e tornar mais sólidas as garantias já obtidas pelos respectivos operários, mercê da sua organização corporativa e da legislação que as tornou possíveis.

do Minho ao Guadiana

BAIXA DA BANHEIRA

(ATRAZADA)

— 1.º Circuito Ciclista —
Por absoluta falta de tempo, não nos foi possível oportunamente referir-nos a esta movimentada prova, motivo porque aos nossos leitores pedimos o favor de nos desculparem.

Porém como sempre temos ouvido dizer que «Roma e Pavia, não se fizeram num dia», nós aqui estamos nesta modesta tribuna, para felicitar a Direcção do Ginásio Atlético Clube e o nosso prezado amigo e sr. Jaime da Silva, com oficina de bicicletas, nesta localidade, pelo brilhantismo da prova velocipédica para populares, levada a efeito em 21 do mês findo num percurso superior a 85 km., com o seguinte itinerário: —Baixa da Banheira, Barreiro, Palhais, Coima, Penalva (tendo aqui uma contagem para o prémio da montanha), St.º António da Charnéca, Moita, Alhos Ve-

dros e Baixa da Banheira, em três voltas.

Esta prova foi patrocinada pelo comércio local e o júri foi constituído pelos srs. Serafim dos Santos, da Associação de Ciclismo do Sul e Armindo Simões, Delegado da Federação Portuguesa de Ciclismo.

Inscreveram-se 60 concorrentes, obtendo os primeiros dez, as seguintes classificações: 1.º; António Aiveca, do G. A. C., à média horária de 34,600 km, evidenciando se brilhantemente; 2.º; Américo Augusto, do G. A. C.; 3.º; Idalino Brito Mendes; 4.º; Abílio de Jesus Henriques, do S. C. P.; 5.º; António Gomes Teixeira, do Botafogo (Cabinas); 6.º; Ilídio Cabrita, do G. A. C.; 7.º; Rui Brito Dias; 8.º; José Luís Correia; 9.º; João Pereira Vasconcelos, e 10.º; Sérgio Santos Ribeiro, do S. C. Palhais.

No decorrer das três voltas todos os ciclistas em

cada uma das passagens, foram aqui aplaudidos entusiasticamente por muito povo, que enchia lateralmente as bermas da estrada, numa extensão superior a um quilómetro.

E a fechar esta notícia, queremos dirigir igualmente os nossos parabéns ao nosso estimado amigo e sr. José António de Oliveira, digno presidente do Ginásio e principal impulsor deste circuito, não só pela sua acertada iniciativa, como ainda pelo feliz êxito alcançado.

Também a todas as casas comerciais que tiveram a gentileza de colaborar nesta competição com as suas ofertas, os nossos bem hajam!

Igualmente fazemos votos para que outras provas se realizem num futuro próximo e nesse propósito pomos desde já as nossas colunas à disposição dos seus prováveis organizadores.

— Continua a falta de recolha de dejectos — Segundo nos consta, a brigada de pessoal que acompanha o «simulado» auto-tanque municipal, encarregado da recolha dos dejectos, continua a demorar dias e dias sem aparecer, dando origem a que os mesmos estejam acumulados durante 3, 4, 5 e 8 dias, conforme aconteceu por ocasião das festas da Moita. Como é sabido, estas deficiências e outras semelhantes unicamente acarretam aflições a quem habita em pátios e que em último recurso tem apenas as indispensáveis «fossas» para fazer os indispensáveis despejos, quando isso lhe é permitido de dois em dois dias e por favor!...

Por tal motivo, às entidades competentes e a bem da saúde pública, voltamos a pedir urgentes providências!

— Património dos pobres — Por nossa passagem de há poucos dias pela rua 25, em cuja artéria se encontra o edifício em construção, destinado à instalação desta

futura instituição de beneficência, notámos que embora a «passos lentos» recomenciam de novo os trabalhos da referida obra. Será desta vez que terá lugar a sua conclusão?...

Oxalá que sim!

Notícias da Trafaria

Horas sombrias

Com o funeral das vítimas da tragédia desta localidade, da qual resultou a perda de três vidas, além dos graves ferimentos de mais dois homens, terminou praticamente este drama, tão destacado nos jornais de grande circulação, pelo que nos abstermos de o relatar.

Nem tomaremos partido por nenhuma das facções em presença, que em casos destes sempre se formam. Apenas nos cumpre lamentar o facto e apresentar às famílias dos falecidos as nossas condolências e aos feridos os nossos votos de melhoras.

O suicida disse nos derradeiros momentos «isto é para exemplo dos novos» e nós diremos em ajuntamento: Que isto sirva de lição aos maldizentes, porque nem todos os difamados são de igual estômago e que nem as verdades se podem dizer indiscriminadamente, por causa das consequências.

A malidicência tem provocado inúmeras tragédias como esta.

Não relataremos nada do assnto, porque trata-se de roupa imunda, que o bom-senso aconselha a silenciar, a bem da morigeração, e, bem assim para mantermos a maior imparcialidade.

Apontamos no entanto o exemplo para todos aqueles que o considerem digno de nota. — (C.)

Um conto de vez em quando...

ANESTESIA

Por: MIGUEL ALVES

O Dr. Sevla estava no seu consultório particular, quando o telefone retiniu estridentemente. Saindo da sonolência em que se encontrava, levantou o auscultador e interpelou:

— Alô... Quem fala...?

— ...é o dr. Sevla que está ao telefone...? — perguntou alguém do outro lado do fio.

— O próprio; faz favor de dizer...

— Aqui... Pavilhão Cirúrgico de Malaine. Fala a enfermeira-chefe, que pede urgentemente a vossa comparação. Doente grave...

O dr. Sevla poisou o auscultador e, pegando numa pasta que estava sobre a secretária, saiu. O carro desceu em vertiginosa velocidade até estacar junto dum imponente edifício. O dr. Sevla, entrou no hall do Pavilhão Cirúrgico de Malaine. Acompanhado por uma enfermeira, que o esperava, percorreu o comprido corredor em direcção ao seu gabinete de trabalho.

Momentos depois dava entrada na sala de operações onde o aguardavam dois colegas, prontos para uma intervenção cirúrgica.

Reinava profundo silêncio. Os três homens, embaçados, trocaram olhares e logo o silêncio foi substituído por um leve roçar de batatas, tilintar de pinças e outros elementos cirúrgicos, cujos sons metálicos, juntamente com algumas palavras entrecortadas dos três operadores, se misturavam no éter que mantinha sob a sua acção o corpo duma rapariga de dezassete anos, tornando-a insensível aos golpes profundos dos bisturis.

A um aceno do dr. Sevla, a enfermeira assistente carregou no botão duma campainha. Dois homens entraram conduzindo a maca que transportou a operada. Após a saída desta, os três operadores abandonaram também a sala.

— Toda a assistência possível junto da doente, — ordenou Sevla —, dirigindo-se ao dr. Smith, um dos ajudantes.

— Todos os esforços serão inúteis... — replicou este.

— Tenho uma esperança... — tornou Sevla. Restam-nos ainda vinte e quatro horas...

* * * * *

Os três homens tinham atingido a porta de saída, onde o dr. Sevla se despediu dos colegas. Smith e Serland, voltaram para junto da operada. Esta, respirava normalmente; porém, a anestesia mantinha-a inconsciente.

— Sevla falhou mais uma vez! — exclamou Smith, agarrando o pulso da doente e fixando o relógio demoradamente. De súbito o seu rosto teve uma leve alteração. A doente começara a articular palavras ininteligíveis.

Uma ambulância percorre, através do escuro, os muitos quilómetros que a separam da cidade de OKLANDE, levando Margaret, a jovem salva pelas mãos hábeis do dr. Sevla.

* * * * *

— Agosto de 19... Cidade de Oklande, — uma cidade de sonho e fantasia onde duas torres esguias se erguem aos Céus como símbolo dum passado de ilusões.

Da janela do seu quarto, Margaret observa, atenta, as ruas oblíquas da cidade, nas quais os transeuntes vacilam perante o turbilhão da Vida.

Uma mulher caminha a passos incertos; mas a vida está com ela. Outra segue no sentido oposto, outra em sentido contrário, outra ainda... mais outra... Agora, cruzam-se com eles que lhes dirigem olhares de escárneo, de cinismo, mas... os seus olhares compreendem-se. Todos fazem parte da vida, da vida que amam, da vida que os cerca, da vida que lhes pertence.

— Ela, é uma inútil à sociedade. Vacila. O seu pensamento não está com ela. Cinco anos atrás e seria uma perseguida como todas aquelas que desfilam perante os seus olhos. É a vida. A força da vida. O Destino. Continua a vacilar. Os bisturis pairam sobre as cabeças erguidas para si. Batas brancas, homens com máscaras, éter, mais éter... Cai inanimada. Em baixo, continua o desfilar da vida para a vida.

Margaret encontra-se no seu leito. Ao seu lado Mac, o homem que a ama loucamente, o homem que a desconhece mas a procura! Para quê? Ela não faz parte da vida! Revelar-lhe o seu segredo? Desiludi-lo? Oh não! É preciso vencer, lutar contra a vida! Que atracção encontra nela? Ela que não vive, que tudo desconhece, que tudo lhe é indiferente... Mas é a vida. Sim, a vida. Aquele homem ama-a e quer o seu corpo morto, frio, insensível... Move-se de novo e de novo cai inanimada.

Margaret encontra-se na turba da vida perdida no vácuo. Vê uma mulher com a sua roupa, da sua altura, com o mesmo olhar, os mesmos cabelos. Sorri — encontrou uma sócia. Chama-a, dirige-lhe propostas, ela corresponde, revela-lhe o seu segredo, o seu desgosto.

Margaret casa. Mac continua a amá-la, a querê-la. Perverso, depravado, procura nela a vida que não existe; mas... ele precisa de viver! Margaret sente-se elevar no espaço, abre a janela e salta. Homens embaçados seguem-na, desaparece. Mac procura a mulher que acabara de desposar, aquela que julgava a sua vida. Sobe as escadas. Vai ao quarto. Entra. Sorri. Margaret espera-o estendida sobre o leito. Uma Margaret diferente, juvenil, mas que o amor o faz reconhecer como esposa. Enlaçam-se, beijam-se, trocam olhares, amam a vida. A vida está, afinal, entre eles!

* * * * *

Margaret continua perdida, vagueando por entre a multidão. Mac continua a amá-la, ela a vaguear. Mas é tempo. Parte. Entra no quarto e recebe das mãos da outra o ressurgimento da sua vida. Os seus olhares encontram-se. Entre elas ergue-se uma barreira intransponível: — a honra perdida duma mulher ignorada, o ressurgimento à vida duma mulher sem mundo.

* * * * *

Às oito horas do dia seguinte, o dr. Sevla recebia no seu consultório a primeira comunicação enviada do Pavilhão Cirúrgico de Malaine. «Doente salva. Êxito notável. — Smith» Sevla levou uma das mãos ao queixo, e no seu rosto desenhou-se um sorriso. Pegando na pasta, saiu.

Margaret começou a mover-se no leito. Entrebriu os olhos e encontrou os do dr. Sevla que lhe sorriam, numa enfermaria do Pavilhão Cirúrgico de Malaine. Margaret sorriu também. O éter terminara a sua acção.

Chegavam agora até junto dela os ruídos longínquos dos automóveis. Lá fora continuava o desfilar da vida para a vida.

Terras de Portugal

A Freguesia de Bário

Apontamento por LUÍS BONIFÁCIO

Bário é uma das freguesias de Alcobaça, situada a cerca de 5 quilómetros da vila, em ponto alto, com vistas magníficas para a Nazaré, Cela, Valado, Pataias, Maiorga, Serra dos Candieiros, etc..

Não tem, propriamente dito, história.

Tem cruzeiro levantado em 24 de Fevereiro de 1866. Durante muitos anos teve igreja, de S. Gregório, templo levantado em 1790 e concluído em 27 de Junho do mesmo ano. Assinala-se que os sinos foram oferecidos por José Veríssimo Marques, em 1909.

Podíamos afirmar que o Bário é um magnífico local de repouso não explorado. Em qualquer local se poderia construir um magnífico sanatório e até, por que não, uma pousada.

Parecia-nos interessante a visita ao Bário dum funcionário do Secretariado Nacional de Informação, para se inteirar das possibilidades de desenvolvimento turístico desta freguesia.

O Bário é essencialmente agrícola. A maior parte da população vive da agricultura, no trabalho braçal, ou por conta própria.

A vinha será talvez a maior riqueza, seguindo os cereais, olivicultura e a horticultura, tanto nos arredores como nos terrenos férteis dos seus campos, servidos de água do Alcoa, nascido nas faldas de Chigueda.

Propriamente dito, o rio terminou aí, para ser conduzido em caleiras, cimentadas por todo o terreno, dando assim água a centenas de hectares, completamente cultivados.

A pouca distância do sítio chamado «Cabeço do Louco» existiu há muitos séculos a cidade de Parreitas, onde ainda hoje se podem ver pedras petrificadas, fragmentos de telhas e, propriamente dito, no cimo do «Cabeço do Louco» um muro de demarcação, enterrado a pouca profundidade. A massa das junções desse muro encontra-se cristalizada.

Temos também a registar a acção do reverendo pároco sr. João de Sousa, para o desenvolvimento da freguesia do Bário, e a quem se deve a igreja de S. Gregório.

Fazemos votos para que esse Homem continue à frente dos destinos da igreja Paroquial.

L. B.

Ouvindo o sr. Tenente Francisco Nunes acerca do progresso e necessidades da freguesia do Bário.

Em todas as pequenas localidades do nosso país há sempre um homem que tem a sua história e algo de interessante, no seu passado.

É esse homem que adora o local onde vive e é normalmente o «cabeça», para os empreendimentos a levar a efeito nos lugares pequenos.

Assim, no Bário, talamos com o sr. Tenente Francisco Nunes, que ali vive, há bastantes anos, na sua casa florida, para as bandas do Vale dos Castanheiros.

BÁRIO

O sr. tenente Francisco Nunes foi durante anos vereador da Câmara de Alcobaça e tem ocupado vários postos de relêvo em Comissões e Organismos Oficiais.

Em 1909 partiu para África, onde ocupou o posto de «Condestável» da Praça de S. Sebastião de Moçambique.

Tempos depois deu-se a revolução na China, tendo seguido para Macau onde prestou relevantes serviços.

Depois, em Quelimane foi nomeado Director do Depósito de Material de Guerra e Comandante Militar de Ossíua (Gilé).

Com a passagem deste comando a Circunscrição Civil, passa a Administrador onde exerceu o cargo durante 5 anos.

Mais tarde volta a África na 3.ª Companhia de Infantaria, onde ocupa, pela 2.ª vez, o cargo de Director do Depósito de Material de Guerra de Moçambique.

Assim volta, ao seu lar, este distinto militar que se voltou para a agricultura de alma e coração.

É nesse miradouro florido que conversámos; que trocámos algumas impressões desse seu Bário que lhe serviu de berço.

— Diga-me sr. tenente Nunes: não tem saudades dos grandes centros civilizados?

— Sinto-me tão bem aqui, isolado de tudo, olhando pelas minhas fazendas, e respirando o belo ar, junto dos meus.

Falou em centros civilizados. Digo-lhe que o Bário também é um centro civilizado. Como há anos afirmei numa entrevista o povo do Bário é trabalhador e honesto, mas fugiu ao esforço e à contribuição quando se tratava de algum melhoramento a fazer. Porém, agora, nestes últimos anos tem sido generoso em excesso.

Como sabe, esses melhoramentos, nascem sempre

duma estreita colaboração entre Estado e povo.

Apesar disso a freguesia tem progredido: possui luz, televisão no Centro Paroquial, uma sumptuosa igreja com cerca de 800 m², e a primeira fase da estrada que liga Alcobaça ao Valado de Frades está concluída. Tem escolas de ambos os sexos.

Um acontecimento de extraordinário interesse foi a passagem a freguesia, em Abril de 1934 — pois antigamente Bário era uma povoação cuja freguesia era a Cela.

Sem dúvida alguma deve-se este movimento ao Capitão José Rodrigues da Silva Mendes, ilustre Deputado e director do Asilo de Mendi-

breve a conclusão da 2.ª fase da estrada Alcobaça-Valado.

Com este melhoramento haverá de se dar uma nova disposição à ponte sobre o rio Alcôa, situada no campo, do Valado dos Frades, com a colaboração dos Municípios da Nazaré e Alcobaça.

E, com este melhoramento o Bário virá a ser um centro importante da região.

— Constatou-me também que vai ser resolvido o problema das águas?

Pode-me elucidar do assunto?

— Com muito gosto. O Bário tem vários mananciais de água — mas não tem água... Há uma fonte na freguesia, que fica distanciada do centro cerca de 500

Preconiza-se a construção duma pousada no sítio do «Cabeço do Louco», ou um Sanatório.

Por - Luís Bonifácio

cidade de Lisboa, em Alcobaça, que lutou bastante para isolar e dar autonomia a esta terra, quando pela primeira vez foi Governador Civil de Leiria.

Já que falámos do Capitão José Rodrigues da Silva Mendes, devemos dizer que por ocasião da passagem do 25.º aniversário da criação da freguesia civil do Bário, foi inaugurado um busto no largo do Centro Paroquial, que tomou o nome de Largo Capitão Silva Mendes.

Deve-se esta iniciativa ao nosso entrevistado sr. tenente Francisco Nunes — homenagem bem significativa, a que assistiu o sr. Capitão Silva Mendes, o sr. Presidente da Câmara Municipal de Alcobaça, autoridades da freguesia, muitas individualidades e povo.

— E agora, sr. tenente Nunes, quais as principais aspirações da freguesia do Bário?

— Está prevista para

FIGUEIRA DA FOZ

— Rainha das Praias de Portugal —

A FIGUEIRA DA FOZ, pertencente à Beira Litoral, está situada entre Lisboa e o Porto e é facilmente acessível.

Tem um dos melhores climas da Europa e os seus arredores são encantadores.

A sua praia é a melhor do país e das melhores da Europa, com mais de três quilómetros de extensão.

Aberta ao Atlântico e abrigada ao norte pela Serra da Boa Viagem, a sua luminosidade e privilegiadas condições naturais num ambiente

alegre e cosmopolita, justificam-lhe o título de *Rainha das Praias de Portugal*.

Possui um hotel de luxo e muitos outros confortáveis, bem como pensões para todos os preços e casas de aluguer.

Para recreio e desporto, a Figueira da Foz apresenta tudo o que se possa esperar; Teatros, Cinemas, Casino, com jogo autorizado, Danças por grupos folclóricos, Toiradas, Ténis, Parque Infantil, Festas Náuticas

(Continua na página 5)

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmeirim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775027